

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E RELAÇÕES PÚBLICAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO: RÁDIO, TV E INTERNET

ANA CAROLINA CONTI CENCIANI

“ACORDEON”: A IMPORTÂNCIA DO FAZER ARTÍSTICO PARA A CONSTRUÇÃO DO
ASPECTO SENSÍVEL NO AUDIOVISUAL DOCUMENTAL

BAURU

2025

ANA CAROLINA CONTI CENCIANI

**“ACORDEON”: A IMPORTÂNCIA DO FAZER ARTÍSTICO PARA A CONSTRUÇÃO DO
ASPECTO SENSÍVEL NO AUDIOVISUAL DOCUMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e
Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Bauru,
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Comunicação: Rádio, TV e Internet.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regilene Sarzi Ribeiro.

Bauru

2025

ANA CAROLINA CONTI CENCIANI

**“ACORDEON”: A IMPORTÂNCIA DO FAZER ARTÍSTICO PARA A CONSTRUÇÃO DO
ASPECTO SENSÍVEL NO AUDIOVISUAL DOCUMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Bauru, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação: Rádio, TV e Internet.

Bauru, junho de 2025.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Regilene Sarzi Ribeiro (Orientadora)
FAAC/UNESP/Bauru

Prof^ª. Dr^ª. Andresa de Souza Ugaya

Prof. Dr. Laan Mendes de Barros

C395a

Cenciani, Ana Carolina Conti

Acordeon : A importância do fazer artístico para a construção do aspecto sensível no audiovisual documental / Ana Carolina Conti Cenciani. -- Bauru, 2025

45 f. : fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação: Rádio, Televisão e Internet) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientadora: Regilene Aparecida Sarzi-Ribeiro

1. Documentário. 2. Cinema experimental. 3. memória. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Este projeto nada mais é do que um grande reflexo da pessoa que sou. E eu não seria nada disso se não fosse minha experiência unespiana. Chegar até aqui foi um percurso longo, intenso e maravilhoso. Repleto de encontros, descobertas, erros e acertos. Este trabalho é muito mais do que uma conclusão de curso, é um marco do final de um ciclo, que foi muito importante para mim.

Em primeiro lugar, agradeço à minha avó Enide, inspiração e razão de existência deste documentário. Obrigada por compartilhar e viver sua história comigo. Obrigada por ser exemplo de generosidade, sensibilidade e musicalidade. Sou extremamente grata por fazer parte de suas lembranças e espero ter conseguido transmitir todo o meu amor através desse projeto. Seu acordeon me ensinou mais do que qualquer faculdade, me ensinou sobre afeto, sobre força, sobre resiliência e presença. Esse filme é, antes de tudo, sobre você.

Às mulheres da minha família: “Tita” Josie, minha mãe Joelma e minha irmã Ana Clara. Agradeço pela base amorosa que sempre me deram, obrigada por sempre acreditarem em mim. Pela paciência nas reclamações cotidianas, pelos cafés da tarde, pelas palavras certas na hora certa. E, principalmente, por me apoiarem em cada escolha, mesmo aquelas mais difíceis de explicar.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro, por ser, desde o início da minha experiência universitária, fonte de inspiração, escuta sensível e conhecimento artístico. Obrigada por me permitir experimentar e por ser essa professora maravilhosa. Obrigada pela confiança e por me conduzir com firmeza e liberdade.

Aos membros da banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Andresa de Souza Ugaya e Prof. Dr. Laan Mendes de Barros, por terem aceitado ler e assistir o meu trabalho. Vocês foram marcos importantes na minha vida na UNESP. Obrigada por expandirem meus olhares e por provocarem reflexões.

Agradeço profundamente meus amigos companheiros de jornada acadêmica, institucional e pessoal. Em especial Guim, Vidente, Líbero, Pix, Pitel, Tube, Anna e Sharp. Vocês tornaram tudo mais leve possível. Gui, você esteve comigo nas fases mais caóticas de todo esse processo, obrigada por ser companhia para qualquer hora e especialmente por ser

ombro amigo. Agradeço também à minha instituição Naumteria, por ser elemento essencial para minha permanência na UNESP.

Também agradeço às memórias e histórias não contadas neste filme, mas que o atravessam silenciosamente. Esse trabalho é, em grande parte, sobre escutar com o corpo inteiro, e por isso agradeço todas as vivências que me tornaram o que sou.

Por fim, agradeço à UNESP e à FAAC, pelo espaço público de ensino e ao tempo dedicado à criação artística e audiovisual. Em tempos difíceis, produzir algo com liberdade artística é um ato de resistência. Este projeto é fruto de uma trajetória coletiva. Levo comigo tudo que foi vivido, compartilhado e aprendido. Sigo repleta de gratidão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cena do filme <i>Elena</i> . Petra bebê com Elena.....	14
Figura 2. Frame do <i>visualizer</i> da música “Te amar é massa demais”, de Anavitória.....	15
Figura 3. Tabela de cronograma inicial.....	16
Figura 4. Captura de tela da pasta “Refs Acordeon” no <i>Pinterest</i>	17
Figura 5. <i>Frame</i> de Acordeon.....	18
Figura 6. <i>Frame</i> de Acordeon.....	19
Figura 7. <i>Making off</i> do bloco “Vento”.....	20
Figura 8. Fotografia do espaço interno do Teatro Municipal de Socorro.....	21
Figura 9. Fotografia de Ana Carolina e Enide no Teatro Municipal.....	21
Figura 10. Captura de tela do projeto no <i>Adobe Premiere</i>	23

RESUMO

O trabalho visa o desenvolvimento de pesquisa e a produção do documentário artístico experimental *Acordeon*, que conta a história de Enide Niero Conti, uma acordeonista do interior de São Paulo, a partir de uma perspectiva subjetiva, poética e artística. A obra propõe uma aproximação entre a memória, o real, a música e relações familiares. A partir de imagens de arquivo, uma entrevista atual, voice-overs, videoperformance e montagem artística, a narrativa se fundamenta no fazer artístico para seu desenvolvimento. Inspirado principalmente pelo filme *Elena* (2012), de Petra Costa, o projeto investiga o potencial expressivo do documentário para além dos formatos convencionais, apostando na montagem como campo de experimentação e criação subjetiva e na imagem artística como dispositivo de afeto e reconstrução simbólica. O filme busca dar visibilidade à história de uma personagem desconhecida pelo grande público, indo contra as produções documentais clássicas e valorizando a oralidade, o fazer artístico e o patrimônio imaterial transmitido entre gerações. O resultado é um experimento audiovisual que caminha nas fronteiras entre arte e realidade, com foco na criação de uma experiência estética íntima, que convida o espectador à escuta, à memória e à emoção.

Palavras-chave: documentário; documentário experimental; memória; videoarte; videoperformance; fazer artístico; sensível; subjetividade.

ABSTRACT

This project presents the research and production of the experimental artistic documentary *Acordeon*, which tells the story of Enide Niero Conti, an accordionist from the countryside of São Paulo, through a subjective, poetic, and artistic approach. The film explores the intersections between memory, reality, music, and family relationships. Combining archival footage, a present-day interview, voice-overs, video performance, and an expressive montage, the narrative is shaped by artistic choices from its conception. Mainly inspired by Petra Costa's *Elena* (2012), the documentary investigates the expressive potential of the documentary genre beyond traditional formats, embracing editing as a space for experimentation and the artistic image as a means of evoking emotion and symbolic reconstruction. By focusing on a character who is unknown to the general public, the film moves away from conventional documentary storytelling, valuing orality, artistic practice, and the transmission of intangible cultural heritage across generations. The result is an audiovisual experiment that blurs the lines between art and reality, aiming to create an intimate aesthetic experience that invites the audience into a space of listening, memory, and emotional resonance.

Keywords: documentary; experimental documentary; memory; video art; video performance; artistic practice; subjectivity.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
1. INTRODUÇÃO	7
2. ENTRE ARTE E DOCUMENTOS: CAMINHOS DA EXPRESSÃO NO AUDIOVISUAL DOCUMENTAL	8
2.1 A memória no cinema documental: Aproximações entre estética e realidade	9
2.2 O fazer artístico no documentário contemporâneo	10
3. CRIAÇÃO DO PRODUTO AUDIOVISUAL.....	12
3.1 Sinopse e Argumento.....	12
3.1.1 Sinopse	12
3.1.2 Argumento.....	12
3.2 Ideia e concepção	13
3.3 Pré-produção e escolhas artísticas	16
3.4 Produção: presença e escuta no set.....	18
3.5 Pós-produção: Montagem sensorial e narrativa expandida	22
4. CRIAÇÃO E REFLEXÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS EM “ACORDEON”	24
4.1 O sensível no produto final: o que foi construído pela diretora.....	25
4.2 Limites e potências do processo artístico.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICES	29

1. INTRODUÇÃO

O som do acordeon sempre esteve presente na minha vida, seja nos dias especiais que minha avó tocava para a família ou então como fruto de uma memória de tempos que eu nem sequer vivi, mas que de alguma forma, me pertencem. E foi a partir dele que nasceu o projeto *Acordeon*, um documentário experimental artístico, que narra a história de Enide Niero Conti, uma acordeonista do interior de São Paulo.

A proposta surge da vontade de explorar caminhos menos convencionais dentro do cinema documental, priorizando o fazer artístico como parte constitutiva da linguagem. Em contramão às lógicas industriais que frequentemente pautam o documentário pelo viés expositivo, informativo ou espetacular, *Acordeon* se estrutura de forma orgânica, permitindo que a montagem, o ritmo e a forma surjam do processo criativo e da imersão nas histórias contadas. Com isso, busca-se valorizar a subjetividade como elemento central da construção audiovisual.

Ao tomar como referência principal o documentário *Elena* (2012), de Petra Costa, o projeto busca refletir sobre o potencial do documentário como campo de expressão pessoal e artística. Além disso, se inspira em autores que pensam o documentário para além de uma reprodução do real e a perspectiva da memória como fenômeno vivo, moldado pelas relações afetivas e pelas formas de narrar.

A realização do documentário experimental artístico *Acordeon* é fundamentada por motivações práticas e teóricas capazes de destacar sua importância e singularidade no cenário audiovisual contemporâneo. O projeto busca explorar o aspecto sensível da produção cinematográfica documental a partir de uma noção artística e performática que, atrelada às imagens de arquivo, agregam à obra afetividade e sensibilidade.

Tendo em vista a preferência mercadológica por documentários expositivos de histórias conhecidas, polêmicas e muitas vezes especulatórias, *Acordeon* vem em contramão e propõe a estilística reflexiva, performática e participativa já existente, mas pouco presente nas grandes emissoras e plataformas de streaming. Além disso, aborda a história de uma figura publicamente desconhecida com um tom íntimo e subjetivo, que se torna interessante a partir da maneira como é contada.

O documentário proposto não só enriquece o campo experimental do audiovisual, mas oferece um produto que valoriza a história oral como documento e patrimônio e a música como repertório geracional, traço que vem se perdendo com a indústria cultural contemporânea. Também traz a pós-produção como foco central de sua experimentação, ultrapassando a singularidade do conceito de montagem para um fazer artístico como forma de expressão da subjetividade.

O projeto oferece soluções estilísticas para a representação documental, mostrando como o fazer artístico pode agregar vulnerabilidade à narrativa, mantendo a integridade e a veracidade da história contada. O relatório está estruturado para acompanhar tanto a produção prática do filme quanto uma reflexão teórica sobre seus fundamentos. Parte-se de três eixos principais: a experimentação audiovisual documental como linguagem, o uso do fazer artístico como recurso de expressão e subjetivação e a análise crítica do processo e do produto realizado, com foco nas estratégias adotadas, nos limites e nas potências reveladas ao longo do caminho.

2. ENTRE ARTE E DOCUMENTOS: CAMINHOS DA EXPRESSÃO NO AUDIOVISUAL DOCUMENTAL

O documentário, enquanto linguagem audiovisual apoiado na memória, pode transitar entre o real e o simbólico. Dependendo das escolhas poéticas da direção, as produções documentais não apenas registram acontecimentos, mas também os organizam sob uma ótica específica, vinculada aos objetivos principais da direção (Bernard, 2008 *apud* Harris, 2018). No caso de *Acordeon*, a ótica subjetiva, afetiva e interpretativa é utilizada desde a pré-produção. Assim, o sensível ocupa um lugar central e é por meio da sensibilidade estética, narrativa e ética, que o real é atravessado por camadas de expressão artística.

Com isso em mente, deu-se a produção de um documentário experimental, com foco na representação da memória a partir de um relato. O caráter do experimentalismo se dá devido ao processo de construção audiovisual orgânica e atípica, conceituado por aquilo que ele tem de não-padronizado e que não se define nem como documentário, nem como ficção, situando-se fora dos modelos, formatos e gêneros protocolares do audiovisual (Machado, 2010, p. 25).

O uso de imagens de arquivo atreladas ao fazer artístico também foi foco central da experimentação, pensando principalmente no fator montagem para a criação de seus significados e subjetividades. Considerando que as

fotografias ou imagens em movimento dizem muito pouco antes de serem montadas, antes de serem colocadas em relação com outros elementos — outras imagens e temporalidades, outros textos e depoimentos. Segundo Didi-Huberman, ou se pede demais da imagem, que ela represente o Todo, a verdade inteira — o que é impossível, pois elas serão sempre inexatas, inadequadas, lacunares—, ou se pede muito pouco, desqualificando-a, sob a acusação de que não passa de simulacro, excluindo-a, portanto, do campo da história e conhecimento (Didi-Huberman, 2003, p. 85 *apud* Lins; Rezende; França, 2011, p. 57).

Por se tratar da história de uma vida comum e invisível comparada às grandes narrativas históricas, *Acordeon* se constroi a partir da escuta, da presença e do olhar poético. Nesse contexto, a

memória individual se torna matéria prima para a concepção da obra e o fazer artístico, ferramenta principal para o desenvolvimento da narrativa. Este capítulo busca refletir sobre o sensível no audiovisual documental, com foco nas referências e experiências artísticas, poéticas e subjetivas que atravessam o projeto.

2.1 A memória no cinema documental: Aproximações entre estética e realidade

De acordo com Nassar (2008), a história é uma narrativa individual, social ou organizacional, construída com base em memórias individuais, ou seja, a construção de uma história é alicerçada naquilo que é considerado relevante para cada indivíduo, grupo ou organização. Desse modo, com os documentários, pretende-se apreender histórias marcantes dos indivíduos, no âmbito pessoal, considerando a história oral como possibilidade de se compreender diferentes experiências (Worcmán; Pereira, 2006).

O documentarista, no momento em que pensa em realizar um filme, se depara com um questionamento inevitável. Pergunta qual é o peso que deve dar para a estética e qual para a ética (Harris, 2018). E é exatamente esse o desafio de *Acordeon*. Sua faceta experimental permite que a obra confronte a polarização entre ficção e documentário e traga, por meio da memória, o aspecto sensível, que de forma onírica também permeia a verdade.

E isso se dá, não unicamente, mas principalmente, devido ao uso do fazer artístico durante toda a produção. Harris (2018), diz que toda manifestação artística, de alguma forma, resvala numa referência ao mundo histórico, seja em aproximação ou afastamento. No caso de *Acordeon*, aproxima, mostra o poder da arte ao conduzir uma narrativa e torna-se um documentário híbrido, que de acordo com Arlindo Machado:

(...) é isso: é documentário até certo ponto, mas muitas vezes, sem que nos demos conta, já caímos do domínio da fabulação. Ou vice-versa. Ele fica a meio caminho entre o documento e a imaginação. Pois, a bem de verdade, nenhum documentário é realmente um documentário puro (Machado, 2011 *apud* Araujo; Marafon, 2020, p. 86).

Ramos (2008, *apud* Harris, 2018) indica que alguns autores se referem ao documentário de forma genérica, tendo em vista aquilo que se convencionou chamar de documentário clássico. Porém, diversas produções flertam com o estilo audiovisual documental sem que necessariamente sejam uma polarização clássica. Um dos motivos pelo qual isso se dá é pelo caráter metamórfico da memória, que neste caso é vista como documento. Mas, não é a primeira vez que isso acontece.

A história clássica, segundo Foucault, dedicava-se a “memorizar os monumentos do passado”, a transformá-los em documentos e fazê-los falar, para reconstituir o que os homens fizeram e disseram (Lins; Rezende; França, 2011, p. 58)

Pollak (1992), recorrendo aos estudos de Halbwachs das décadas de 1920/1930, explica que devemos entender a memória como um construto social que está submetido a influências e transformações de forma constante, justificando a utilização de relatos para a recuperação da memória. Além disso, entende-se também a importância da construção coletiva da memória por parte das experiências, a fim de ter diversidade de narrativas no diálogo.

Considerando tais pensamentos, a memória quando situada no contexto audiovisual experimental, se torna vulnerável à uma expressão da experimentação estilística, que não necessariamente exclui a sua verdade. Ao fazer um filme que tenha um viés mais pessoal, naquilo que chamam de documentário em primeira pessoa, essa experimentação pode contribuir para a realização dos documentários performáticos (Harris, 2018), como é o caso de *Acordeon*.

2.2 O fazer artístico no documentário contemporâneo

No contexto contemporâneo, muitas produções audiovisuais são classificadas a partir do gênero documentário, mesmo que não sejam a representação clássica e paradigmática do estilo. O que antes era visto como registro objetivo da realidade se expande para uma linguagem que incorpora elementos poéticos, performáticos e experimentais. Um exemplo nacional e referência para a produção de *Acordeon*, é o longa *Elena* (2012), de Petra Costa.

O filme, na época de seu lançamento, ocupou a 25ª maior bilheteria entre os filmes nacionais, de acordo com o Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro (Ancine, 2013), além disso, permaneceu em cartaz durante meses nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. É curioso perceber o impacto de uma produção que desvia do óbvio. Mesmo se tratando de uma história completamente desconhecida, foi o documentário nacional mais visto do ano de 2013.

(...) o cinema de Petra emana o tempo vivido continuamente e, através das pistas que dispõe (cartas, filmes antigos em VHS, reminiscências relatadas, etc), conduz um fluxo de momentos que, como na vida, não podem ser contabilizados, pois passam, se movem. Ou, como conceitua a filosofia de Henri Bergson, não se repetem e sempre se diferenciam um do outro, num constante jorro de novidade (Matos; Gusmão, 2021, p. 10).

Manuseando a memória e diversos recursos estéticos, *Elena* (2012) consegue alcançar o nível de subjetividade desejado para *Acordeon*. A apropriação de imagens de arquivo, a montagem e a

utilização do corpo em diversas cenas foram as principais inspirações retiradas da obra de Costa para a construção do sensível a partir do fazer artístico em *Acordeon*.

Dentro da lógica documental, o fazer artístico se aproxima de uma experiência estética que não prioriza a representação crua do real, mas sua reinvenção a partir das marcas da memória, da ausência e da presença. Didi-Huberman (apud Lins; Rezende, França, 2011) defende que a imagem não é plena nem autoexplicativa. Ou seja, ela precisa ser colocada em relação com outras imagens, vozes e silêncios para então ganhar sentido como fragmento do vivido.

Sendo assim, a montagem neste processo, é elemento-chave. Tanto em *Elena* quanto em *Acordeon*, a técnica possui um valor essencial para a construção do produto final. Na análise feita por Matos e Gusmão (2021) sobre a obra de Petra Costa, as autoras estabelecem a fundamentalidade da articulação de imagens através da montagem:

Através dela, rompe-se a esfera do prazer voyeurístico de apenas assistir às intimidades alheias, mas notando as circunstâncias sociais, técnicas e políticas que norteiam os contextos mostrados. Aos serem retrabalhadas, relacionadas entre si e através de outros documentos, exemplos, comentários, fusões, trilhas sonoras, etc; as memórias ultrapassam a mera ilustração do que parece uma realidade, fazendo florescer elementos que pareciam “invisíveis” naquele contexto, capturando os sentidos dos espectadores através de pequenos dramas contidos em contextos maiores. Tornando-se, neste sentido, o que as autoras denominam “memórias do mundo” (Matos; Gusmão, 2021)

Em relação aos elementos artísticos como a videoarte e a videoperformance presentes em *Acordeon*, é fundamental entender como tais expressões sensíveis são capazes de elevar a câmera a outro nível de experiência do corpo e, como foi o intuito, alterar o ponto de perspectiva de uma obra audiovisual. De acordo com Ribeiro (2014, p. 109):

Colocar o próprio corpo como matéria artística da obra lhe confere um status de *locus* da obra, despertando interesse por sua personalidade, biografia e ato criador. Esta questão da identidade do enunciador e suas relações com a autorreferencialidade que transformam a obra videográfica em autorretratos permeados pela “estética do narcisismo”, a ponto de se comportar como “espelho do artista”, é discutida por teóricos como Rosalind Krauss (1978) e Kátia Canton (2004), respectivamente.

Assim, em *Acordeon*, o corpo deixa de ser apenas um objeto de registro para tornar-se agente poético da narrativa, atuando como suporte físico e meio de expressão subjetiva e simbólica. Quando colocado diante da câmera, o corpo-carne da direção, que antes ocupava um local secundário, passa a emitir outros significados, sendo um deles o autorretrato. Para Canton (2004), o “autorretrato” na contemporaneidade está carregado de significados para além da ordem temática, revelando uma presença cotidiana, encontrada em toda parte tanto na autorreferencialidade do sujeito como no constante diálogo com o mundo e com o outro (Ribeiro, 2014).

A performance em *Acordeon* configura-se como um deslocamento da narrativa linear tradicional, abrindo espaço para que o espectador experimente novas sensações. Nesse processo, o corpo deixa de ser apenas um elemento representado e torna-se território de criação, e a câmera, testemunha íntima desse acontecimento. As ações realizadas com o corpo e no corpo transformam não apenas quem as executa, mas também quem as observa, instaurando um campo de experiência compartilhada. Como aponta Ribeiro (2013) tratam-se de corpos em contínua ação e reação, comovidos pela presença de um no outro, constituindo uma experiência estética que também é significativa.

Dessas maneiras, o fazer artístico no audiovisual documental toma um lugar transformador. A partir do momento que se aceita que o documentário é uma interpretação, pode-se afirmar que cada um terá a sua ou, de alguma forma, poderá aliar a sua à de outrem (Harris, 2018). Em *Acordeon*, a proposta é justamente explorar a dimensão estética da narrativa através do sensível, onde a arte colabora para a construção de uma obra que supera a rigidez documental.

3. CRIAÇÃO DO PRODUTO AUDIOVISUAL

3.1 Sinopse e Argumento

3.1.1 Sinopse

Acordeon é um curta-metragem artístico documental que conta a história de Enide Niero Conti, uma acordeonista do interior de São Paulo que viveu grande parte de sua vida tocando acordeon e tem muitas histórias para contar. Sua história, entretanto, se entrelaça com a história de sua neta Ana Carolina, que vê em sua avó uma grande fonte de inspiração.

3.1.2 Argumento

Acordeon é um documentário não seriado, artístico, poético e sensível que retrata a vida de Enide Niero Conti, uma mulher que vive na cidade de Socorro, interior de São Paulo, e sua profunda relação com a música, especialmente com o acordeon. A partir de arquivos antigos, registros pessoais e uma entrevista atual, a narrativa vai se desdobrando em uma celebração da memória, das tradições e do afeto familiar, tudo permeado pelo som do acordeon, que se torna um personagem central na construção emocional do filme.

O documentário começa com uma atmosfera nostálgica, utilizando arquivos e fotos antigas para traçar o passado de Enide e seu envolvimento com a música. Sua história é apresentada de maneira íntima e emocional, através de um voice-over que acompanha suas lembranças e reflexões.

Nesse primeiro momento, o filme adota um modo observacional, onde o espectador é guiado pelos registros da música e narração feita por Enide.

A virada narrativa ocorre quando, durante a entrevista, a entrevistadora pergunta sobre as netas de Enide. Nesse instante, o documentário muda de perspectiva e assume um modo participativo. A neta Ana Carolina entra em cena como narradora, e sua voz guia o espectador para uma nova dimensão da história familiar, onde ela compartilha suas memórias afetivas sobre a avó. A partir desse ponto, o foco se expande, abordando não apenas a figura de Enide, mas também o impacto de sua música e de sua presença nas gerações seguintes.

Em um tom dramático e comovente, a narrativa alterna entre passado e presente, combinando vídeos caseiros e registros mais recentes, criando um mosaico de memórias. A trilha sonora, composta principalmente pelo som do acordeon de Enide, ganha força e se transforma no coração pulsante da história. O documentário, então, começa a explorar novos territórios artísticos, aproximando-se da videoarte ao utilizar elementos visuais mais abstratos, performances e vídeos experimentais para transmitir emoções e significados que transcendem o texto verbal.

O clímax se dá com a interpretação emocionante de Enide da icônica música "La Cumparsita" no acordeon, um momento em que o filme atinge seu auge sensorial, misturando imagem, som e memória em uma experiência profundamente afetiva.

3.2 Ideia e concepção

A proposta de *Acordeon* surgiu a partir de inquietações pessoais sobre a forma como as histórias são contadas nas produções audiovisuais, principalmente no setor dos documentários. Com um repertório não só no mundo do Rádio, Televisão e Internet, mas também no das Artes Visuais, as minhas inquietações e reflexões sobre o assunto puderam ter uma base também acadêmica. Em um contexto onde o real é, majoritariamente, representado de forma crua, objetiva e técnica, tornou-se indispensável investigar como o sensível se manifesta em produções audiovisuais documentais e, como o fazer artístico pode expandir a percepção do espectador, provocando sensações e reflexões por meio de escolhas estéticas e sonoras conscientes.

O desafio principal seria utilizar a linguagem documental sem deixar de lado a subjetividade e a poética. Desde a ideia inicial, o objetivo não era apenas registrar um acontecimento ou apenas contar uma história, mas sim propor um olhar mais íntimo e sensível sobre a narrativa, permitindo que o público estabelecesse conexões emocionais com as imagens, os sons, músicas e os silêncios apresentados. Durante o processo foram consideradas referências teóricas e práticas que abordam a

interseção entre a arte e a linguagem documental, assim como obras audiovisuais que constroem sua narrativa a partir de elementos subjetivos.

A principal referência conceitual para este trabalho foi o documentário *Elena* (2012), de Petra Costa, produto que, nas próprias palavras da diretora, lhe levaria a duvidar de uma tentativa de retratar subjetivamente a realidade: “Quando comecei a fazer filmes, decidi que o mais honesto seria assumir a imperfeição do meu olhar” (Costa, 2020 *apud* Matos; Gusmão, 2021, p. 2). A produção documental performática e artística ganhou espaço na indústria cinematográfica brasileira, mesmo contando uma história que antes era desconhecida pelo público. Com o uso de arquivos e novas filmagens, *Elena* reflete de maneira sensível a história do suicídio da irmã da diretora e, assim como *Acordeon*, cria uma conexão da diretora com a personagem principal (Figura 1), navegando em um espectro nostálgico, familiar e ainda mais íntimo.

Figura 1 - Cena do filme *Elena*. Petra bebê com Elena.



Fonte: Filme *Elena*, Petra Costa, 2012.

Além do conceito central, a produção *Acordeon* teve como referência o roteiro e a cinematografia de *Elena*. A forma como o longa articula elementos sensoriais e narrativos serviu como base principal para pensar uma abordagem onde o íntimo, o artístico e o documental se entrelaçam. Em *Elena*, a diretora transpõe a sua confusão mental através de ambiguidades visuais e narrativas, nas quais não se define com clareza quem é quem em determinadas imagens, sugerindo que as três mulheres retratadas, Elena, Petra e a mãe, se fundem em suas escolhas e desejos (Matos; Gusmão, 2021).

Da mesma forma, em *Acordeon*, há uma identificação profunda entre a diretora e a personagem principal. Em determinado momento, a aproximação se intensifica a ponto de que as narrativas se fundem, e o documentário passa a contar, simultaneamente, a história de ambas. Esse “embaralhamento” consciente entre realidade, afeto, identificação e construção narrativa é utilizado como recurso poético, estético e experimental, rompendo as fronteiras tradicionais do documentário e convidando o público a uma nova experiência sensível.

Pensando na concepção dos elementos de videoarte e videoperformance presentes em *Acordeon*, foram fundamentais os visualizers da dupla Anavitória, que serviram de inspiração especialmente no que se refere à direção de fotografia e o trabalho de cor (Figura 2). Também foram pesquisadas artistas como Ana Mendieta, Joan Jonas e Carmen Beuchat, importantes nomes da performance, cujas obras influenciaram a concepção das ações corporais e da representação da figura humana no vídeo.

Figura 2 - Frame do visualizer da música “Te amar é massa demais”, de Anavitória



Fonte: ANAVITÓRIA - Te amar é massa demais (visualizer), 2021, Youtube

No que se refere à direção de arte, pós-produção e sonorização, o projeto se apoiou em produções musicais como o videoclipe da música *Quero Acordar com Você*, de Luthuly, referência em termos de montagem ritmada e coloração. A obra visual de Liniker, especialmente o videoclipe da música *TUDO*, também serviu de base para pensar questões de paleta de cores, cenários e pós-produção.

O cronograma de produção (Figura 3) foi planejado para ser desenvolvido ao longo do primeiro semestre do ano de 2025, com a apresentação final prevista para o mês de junho. Por ser uma produção de caráter experimental, a realização do projeto foi pensada de forma mais orgânica e

fluida, permitindo que algumas etapas acontecessem de maneira não linear e, em muitos momentos, simultânea.

Figura 3 - Tabela de cronograma inicial

CRONOGRAMA PARA A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "ACORDEON"							
ATIVIDADES/PERÍODOS	MÊS DE 2025						
	12	1	2	3	4	5	6
Estruturação/entrega do projeto de pesquisa	X						
Levantamento e fichamento de leituras	X	X					
Escrita do referencial teórico		X					
Orientação		X	X	X	X	X	X
Escrever a metodologia da pesquisa			X	X			
Captação de entrevistas		X	X	X			
Coleta de documentos		X	X	X			
Captação de vídeos		X	X	X			
Captação das videoperformances e videoartes			X	X	X		
Captação de imagens adicionais			X	X	X		
Captação de sons adicionais				X	X		
Elaboração do roteiro			X	X			
Montagem				X	X	X	X
Elaborar a apresentação/apresentar o TCC						X	X

Fonte: Autoria própria, 2025.

Levando em consideração todos os ideais de concepção, *Acordeon* nasceu como um documentário experimental em que a dimensão sensível orienta tanto nas escolhas formais quanto os rumos do processo criativo. A proposta não é oferecer respostas, mas sim abrir espaço para experiências, identificações e deslocamentos subjetivos, tanto para quem cria quanto para quem assiste, como uma obra de arte. Dessa forma, as etapas seguintes do projeto foram estruturadas respeitando o fluxo intuitivo da criação artística.

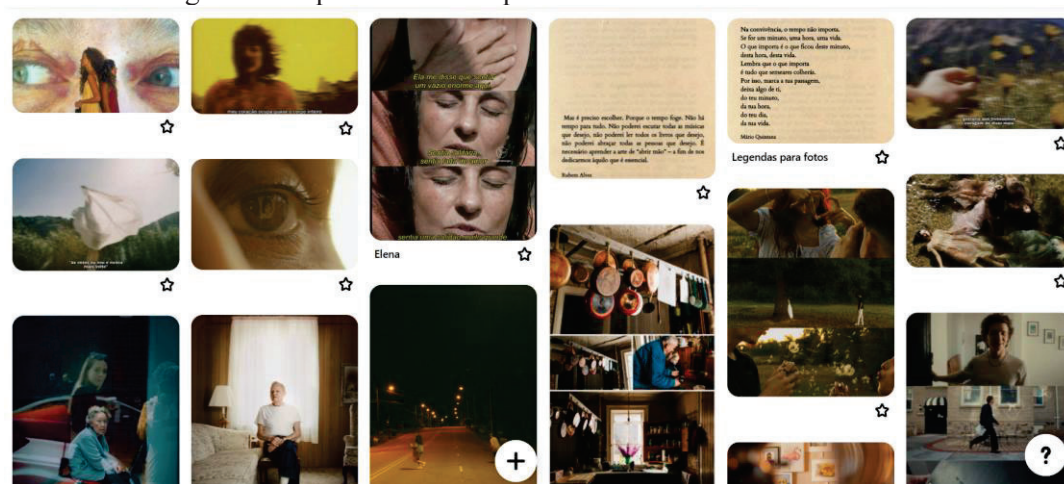
3.3 Pré-produção e escolhas artísticas

A etapa da pré-produção de *Acordeon* foi essencial para que o aspecto do experimentalismo se consolidasse desde a concepção do projeto. O olhar sensível e orgânico foi explorado desde antes do início das gravações, onde foram realizadas pesquisas de referências, coleta de arquivos e a elaboração de um roteiro híbrido, servindo mais como uma catalogação de imagens atreladas às perguntas feitas na entrevista principal e cenas chave (Apêndice A).

Para as escolhas artísticas visuais, uma pasta de referências no *Pinterest* foi essencial para construir a essência interiorana, íntima, nostálgica e familiar na imagem do documentário. No print da pasta (Figura 4), é possível perceber algumas referências que conversam diretamente com o

produto final, mostrando a importância de uma pesquisa anterior às gravações. Além disso, as decisões estéticas, como o paralelo entre cores quentes e frias, a predominância da luz natural e o enquadramento em plano detalhe, foram pensadas para reforçar o aspecto sensorial da obra.

Figura 4 - Captura de tela da pasta “Refs Acordeon” no Pinterest



Fonte: Autoria própria, 2025.

A coleta de arquivos foi feita de maneira íntima, quase antropológica, em conjunto com a figura principal do documentário, Enide. Foi ela quem escolheu as melhores fotografias, recordou os melhores momentos e colaborou para a criação da narrativa a partir de sua memória afetiva. Embora não soubesse a importância dos documentos para a elaboração do produto, sua participação foi essencial para que a narrativa começasse a tomar forma antes de existir formalmente.

Em relação às locações, optou-se por espaços que tivessem um significado para além do valor afetivo, como o teatro vazio e a vista panorâmica da cidade. Os lugares são capazes de criar a contextualização do roteiro e ampliam a sensação de verdade da linguagem documental, além de serem ricos em beleza e agregar ainda mais na estética do produto. As escolhas de figurino, por sua vez, seguiram uma lógica íntima, evitando elementos excessivamente planejados e priorizando a espontaneidade e identidade real da protagonista.

Em relação aos equipamentos, todas as imagens foram registradas com uma única câmera - *Canon PowerShot SX40 HS*, que possui uma ótima qualidade, mas limitou o conteúdo em relação aos diferentes planos da entrevista, por exemplo. A captação de som foi feita através de um aparelho celular *Samsung A23*, já com a previsão de sobreposições sonoras na pós-produção, com sons ambientes, ventanias, trilhas sensoriais e ruídos do cotidiano.

A pré-produção, portanto, foi conduzida como um momento de escuta do projeto, como um tempo de pesquisa, criação de referências, entendimento das limitações, intenções e possibilidades.

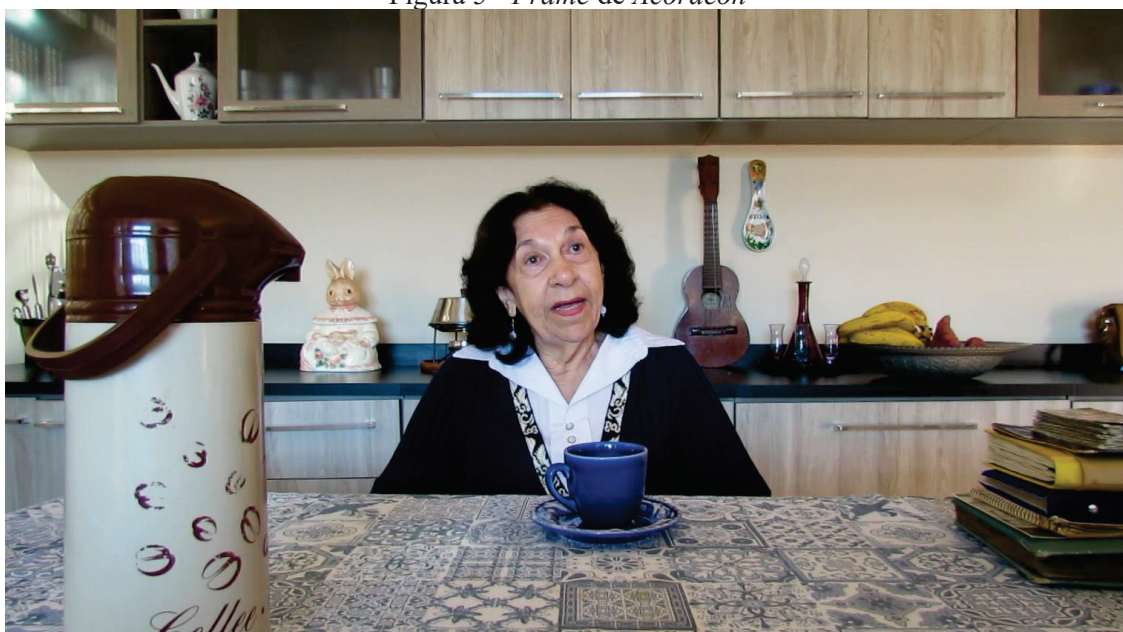
A etapa garantiu que as filmagens ocorressem de forma orgânica, com espaço para improviso, sem perder a coesão estética pretendida desde o início.

3.4 Produção: presença e escuta no set

A produção de *Acordeon* foi conduzida de maneira espontânea e intuitiva, com um forte compromisso com a presença e a escuta. A diretora assumiu todas as etapas da realização: da pré-produção à captação de imagens, passando pela organização do material bruto e das ideias que surgiram ao longo do processo. Tal escolha metodológica trouxe mais proximidade do conceito da direção à produção por si só, valorizando o fazer artístico sensível, empírico e aberto à improvisação.

À priori foi estruturada a entrevista. Nessa etapa prática foram elaboradas as perguntas norteadoras, as perguntas que conduziram a narrativa e o modo como a cena seria filmada. Por fim, optou-se por um formato mais íntimo: uma conversa informal, como as tantas que a diretora e a personagem principal costumam ter ao redor de uma mesa com café. A abordagem permitiu que Enide fluísse com naturalidade e espontaneidade. Durante a gravação, a personagem manteve o olhar voltado para a diretora por trás da câmera, um gesto proposital, que mais tarde se tornaria um elemento essencial para a construção narrativa (Figura 5).

Figura 5 - Frame de *Acordeon*



Fonte: Autoria própria, 2025.

A entrevista foi registrada em uma única diária, na cozinha da casa de Enide. O cenário foi mantido em sua essência, com poucas interferências visuais, sendo elas a escolha da toalha de mesa e o cavaquinho de Pedro Niero ao fundo, que faz analogia à música e à família.

Na mesma diária foram gravados os inserts de Enide mostrando as fotografias, documentos e lembranças. Com gestos cotidianos como folhear álbuns, apontar rostos, comentar episódios do passado, uma nova camada da personagem é revelada: um ser que não só habita a memória, mas também os objetos que a cercam. Os arquivos ajudaram a construção da narrativa a tomar forma e reforçaram o caráter documental da obra (Figura 6).

Figura 6 - *Frame de Acordeon*



Fonte: Autoria própria, 2025.

O próximo passo foi a idealização dos componentes artísticos que integrariam *Acordeon*. A partir do material documental, iniciou-se um processo de elaboração estética que buscou inserir camadas simbólicas à narrativa. Nesse momento, referências visuais e performáticas foram estudadas com o intuito de expandir o alcance sensível do documentário. Assim, foram concedidas as três principais cenas com caráter artístico: o bloco intitulado “Vento”, onde a diretora aparece dançando com um tecido branco em uma vista panorâmica de montanhas. Aqui, a fluidez do movimento, o elemento natural e o simbolismo do tecido evocam a leveza do vínculo com a ancestralidade, a feminilidade e a memória. A performance, captada com a ajuda de Heloá Granconato (Figura 7), amiga da diretora, propõe uma pausa contemplativa e funciona como metáfora visual da subjetividade que permeia o documentário e troca de pontos de vista.

Figura 7 - *Making off* do bloco “Vento”



Fonte: Autoria própria, 2025.

A cena do casarão, mesmo que pequena, é um fragmento visual que remete ao passado e à ideia de herança afetiva. O prédio antigo, localizado no centro da cidade de Socorro, carrega marcas de tempo e da história da família. Essas características dialogam diretamente com o tom nostálgico, geracional e memorialista do filme. Nessa filmagem, Pedro Zanesco, um entusiasta da história da cidade de Socorro, foi o responsável pelas imagens.

Já a gravação no teatro, feita no Teatro Municipal do Centro Cultural do Município de Socorro (Figura 8 e Figura 9), explora o contraste entre diferentes cores, entre a luz e a sombra, a presença e a ausência. Utilizando a linguagem da videoperformance, essas cenas buscam refletir a relação entre corpo e narrativa, silêncio e música, público e intimidade. O espaço vazio do palco e a plateia vazia tornam-se uma extensão simbólica da personagem e da diretora, reforçando a natureza híbrida e sensível da obra, compondo cada bloco do documentário com um show à parte.

Figura 8 - Fotografia do espaço interno do Teatro Municipal de Socorro



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 9 - Fotografia de Ana Carolina e Enide no Teatro Municipal



Fonte: Autoria própria, 2025.

Cada uma dessas cenas foi gravada em uma diária diferente e essa etapa artística reforça o compromisso do projeto com a linguagem não-linear e subjetiva, na qual o documental e o performático se entrelaçam como partes de uma mesma memória em construção.

Outro caráter experimental da obra foi a ausência de um roteiro prévio às gravações. As cenas e imagens foram captadas somente com base em um escopo geral (Apêndice A) do que se desejava

construir, sem a rigidez de um roteiro tradicional, deixando a experiência prática orientar e estruturar a narrativa.

Assim, o roteiro que normalmente seria uma etapa da pré-produção, foi deslocado para o campo da produção. Ele foi elaborado somente após a coleta dos arquivos, das imagens documentais, das gravações das músicas e das performances artísticas, respeitando o fluxo orgânico do processo criativo. Em vez de servir como guia fixo, funcionou como uma ferramenta de organização para a montagem, como um mapa que orienta a pós-produção sem engessar a narrativa (Apêndice B).

Essa abordagem permitiu que a montagem se tornasse a protagonista, uma extensão natural da escuta e do olhar da diretora, priorizando a construção de uma narrativa sensorial. A flexibilidade na ordem das etapas e o caráter espontâneo da realização reafirmam que a emoção guiada pelas imagens e os arquivos sonoros foram os verdadeiros condutores da história em *Acordeon*.

3.5 Pós-produção: Montagem sensorial e narrativa expandida

Como citado anteriormente, a pós-produção de *Acordeon* foi conduzida como uma costura afetiva e poética. Mais do que organizar os materiais captados, o momento foi reservado para a busca de sentidos que viriam do encontro entre imagem, sons, silêncios e história. A ausência de um roteiro fechado permitiu que a montagem assumisse protagonismo na construção da narrativa, guiando-se menos por linearidade e mais por sensações, ritmos e atmosferas.

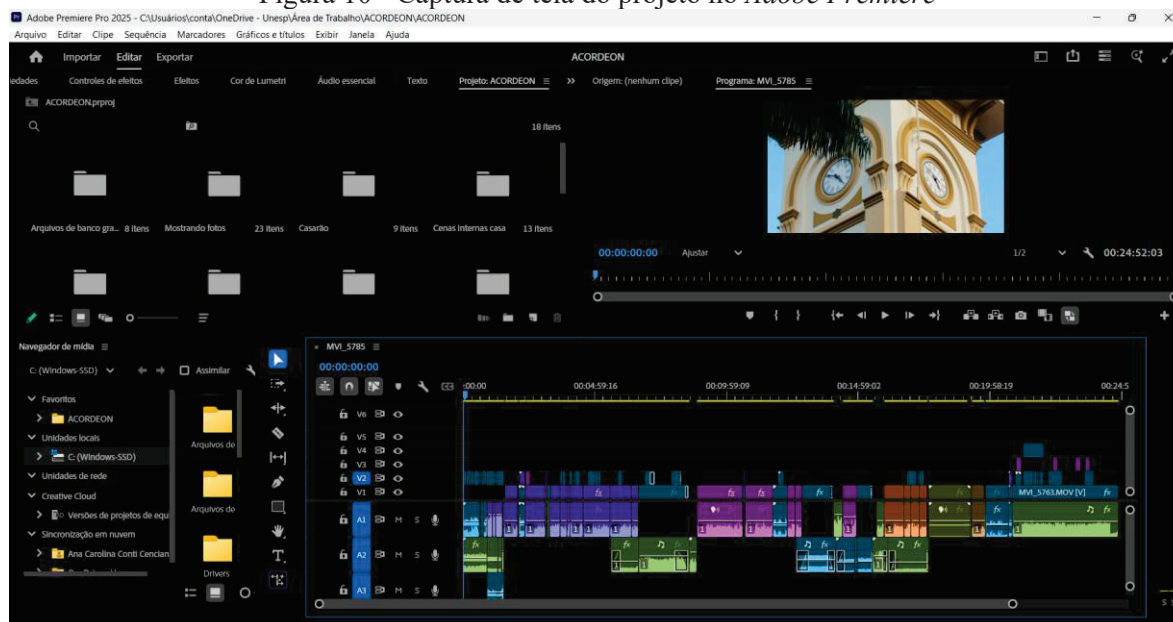
Assim como as outras etapas, a diretora assumiu integralmente o processo de edição, experimentando diferentes possibilidades de organização e composição das cenas. Os softwares utilizados foram *Adobe Premiere* (Figura 10) e *After Effects*. O critério, ao contrário da linha de montagem tradicional, não era cronológico nem explicativo, mas sim sensorial: a forma como as imagens se relacionavam entre si e provocavam sentimentos. As pausas e cortes foram pensados como respirações dentro do filme, permitindo que o espectador se conectasse com o não-dito. Já as sobreposições foram essenciais para o trabalho artístico da montagem e trouxeram a ideia de colagem para o digital, conectando ideias e formando significados.

A trilha sonora foi composta por músicas que remetem à memória afetiva das personagens e, majoritariamente, foram captadas no teatro e tocadas pela própria Enide. A música não apenas é ambiental, mas também conduz e amplia os sentidos de cada cena, funcionando como o fio condutor do documentário, que beira o musical. A escolha de sons e ruídos, bem como a opção dos momentos de silêncio, reforça o aspecto íntimo, experimental e contemplativo do documentário.

Foi a partir da trilha sonora e do processo de montagem que surgiu também a decisão de estruturar o documentário em blocos temáticos, cada um guiado por uma música significativa dentro

do universo afetivo da personagem e de sua família. A divisão foi pensada de maneira simbólica, considerando as músicas favoritas dos membros da família Mantovani e Niero e a relação íntima que cada uma delas estabelece com Enide.

Figura 10 - Captura de tela do projeto no *Adobe Premiere*



Fonte: Autoria própria, 2025.

O primeiro bloco, “Pedro”, é guiado pela música preferida do pai de Enide, Pedro Niero, evocando uma dimensão familiar e musical que dialoga com as raízes e a história documental da personagem. Em seguida, o bloco “Diva”, parte da música preferida de Diva Mantovani Niero, a mãe de Enide, e compõe um dos momentos mais emocionantes do documentário.

O bloco “Vento” é composto pela cena performática central do filme e é marcado pela música que Enide costumava cantar para sua neta, Ana Carolina, na infância. O bloco funciona como a conexão entre a história da personagem com a história da diretora. Já no último bloco, “La Cumparsita”, os créditos finais se estruturam pela performance em torno da música favorita de Enide, encerrando a narrativa com o mesmo tom sensível e nostálgico que permeia toda a obra.

Figura 10 - *Frame* do bloco “La cumparsita”



Fonte: Autoria própria, 2025.

A organização em blocos, que surgiu como ideia apenas no período da pós-produção, norteou a montagem, mas também ampliou a carga simbólica da obra, permitindo que o espectador vivenciasse o documentário como uma composição. Cada parte soa de uma maneira única, mas integrada ao todo. A montagem, sonorização e tratamento de cor se articulam organicamente e constroem *Acordeon*.

4. CRIAÇÃO E REFLEXÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS EM “ACORDEON”

Este capítulo visa analisar o produto final *Acordeon* a partir de sua realização prática, pensando nos caminhos percorridos e na construção narrativa e estética que o produto final estabeleceu. A partir da perspectiva artista-diretora, busca-se uma reflexão que permeia os efeitos provocados por essas escolhas ao assistir à obra final.

Além disso, é importante ponderar o fazer artístico como ferramenta construtiva da narrativa poética e sensível, atravessada pela memória. Essa abordagem, responsável pelo distanciamento do documentário de uma produção factual clássica, permite o alcance de uma experiência audiovisual diferenciada dos produtos do mercado audiovisual contemporâneo. Ao longo do capítulo também serão explorados os desafios e limites encontrados durante o processo de criação, bem como as potências e possibilidades abertas pelo caráter experimental da obra.

4.1 O sensível no produto final: o que foi construído pela diretora

Pensando no produto final de *Acordeon* sabendo de todo o seu processo criativo, posso dizer que o território de criação permitiu que muita experimentação e expressão subjetiva fosse colocada em prática. Isto porque, trata-se de uma história afetiva e pessoal. Acredito que os caminhos seriam outros caso a história fosse de uma personagem alheia à minha vida.

Entre as potências do processo, pude desfrutar de uma liberdade poética e estética que me permitiu explorar linguagens híbridas, como a combinação de documentário, videoarte e videoperformance. A proposta de reinvenção do documentário tradicional e a delimitação de um caráter experimental para a obra também foram importantes para que fosse uma experiência afetiva e sensorial desde a sua pré-produção.

Complementar ao potencial oferecido pelo campo experimental, houve também o aproveitamento dos recursos do audiovisual documental para a criação de um contexto histórico. A entrevista, a pesquisa de arquivos e a narrativa não poderiam aparecer de outra maneira a não ser no formato documentário. O gênero também foi de grande importância para a concepção da obra final e o experimentalismo não teria tamanha intensidade se não fosse aplicado no contexto da categoria.

Acordeon não busca simplesmente contar a história de Enide Niero Conti, mas criar uma atmosfera permeada pela memória, afeto e presença. O filme busca criar uma experiência emocional que permita o espectador estabelecer uma conexão empática profunda com a história, especialmente quando a perspectiva narrativa se desloca para ampliar os olhares envolvidos.

Assim como minha avó gostaria que eu tivesse tido a chance de conhecer meu bisavô, senti o desejo de compartilhar com o público a intimidade e a riqueza da vida dela. Foi essa intenção, de transmitir essa convivência afetiva e reverência pela memória familiar, que guiou a concepção da obra.

4.2 Limites e potências do processo artístico

Acordeon se configura como um exercício audiovisual que tensiona os limites entre o documentário tradicional e a experimentação artística. Explorando a subjetividade e a poética da memória, abrindo espaço para um fluxo narrativo não linear, marcado pela sobreposição de imagens, sons e cenas, o fazer artístico atravessa a obra por diversas camadas sensoriais e afetivas.

Uma das potências mais evidentes da obra reside na montagem, que constroi sentidos pela justaposição de materiais de arquivo, imagens performáticas e depoimentos, configurando um mosaico audiovisual capaz de evocar emoções que vão além da simples exposição factual. A

abordagem reforça o caráter híbrido do filme, que não se prende a uma única forma de representação e permitiu a criação de diversos momentos e uso de técnicas artísticas.

A abertura para a experimentação da maneira como foi utilizada em *Acordeon*, entretanto, levou a desafios que são intrínsecos ao próprio fazer artístico. A ausência de um roteiro com uma narrativa linear resultou em uma experiência mais complexa de produção, entrelaçada e capaz de desorganizar facilmente as etapas para a criação do produto final. O experimental acabou trazendo junto a incerteza e a abstração, características que podem ser perigosas quando não se tem um uso efetivo da criatividade e do fazer artístico.

Outro aspecto utilizado que precisou ser muito bem elaborado foi a presença autorreferencial, principalmente no modo como incorporei o corpo e a voz da narrativa no bloco “Vento”. A inserção fortaleceu a dimensão pessoal do filme e sua busca por um diálogo mais íntimo, mas também demandou um cuidado para não eclipsar a figura central da obra, cujo relato é o núcleo emocional do documentário.

Assim como estudado no capítulo dois, a permeabilidade entre memória e ficção, entre real e poético, também foi um desafio. Tal ambivalência, mesmo sendo fonte de potência estética e emocional, também suscita questões éticas e epistemológicas sobre a representação da verdade e a construção da narrativa audiovisual.

O processo, portanto, se apresentou como um laço entre riscos e conquistas, onde os limites do experimentalismo e da subjetividade foram questionados para que se desse a construção de um produto final sensível e provocador, com o objetivo de ampliar o conceito de documentário, enriquecer os subgêneros da categoria e expandir as possibilidades expressivas do audiovisual documental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acordeon partiu antes de tudo do desejo de homenagear a figura principal do filme, Enide Niero Conti, minha avó. Foi uma experiência única e gratificante produzir uma obra que desenvolvesse a narrativa que une o íntimo ao coletivo, fundindo registros familiares com estratégias poéticas e performativas. O projeto também propôs uma experimentação que envolve o cruzamento da memória, arte e audiovisual, investigando como o gênero documentário pode ser, ao mesmo tempo, um espaço de preservação e um tributo subjetivo do passado.

A construção do documentário foi guiada pela consciência de que a memória nem sempre é uma reprodução fiel aos acontecimentos, mas um fenômeno social e subjetivo, constantemente atravessado por reconstruções (Halbwachs, 2004). Assim, *Acordeon* se desenvolveu sob a ótica de

que o documentário não emerge como um espelho da realidade, mas como uma mediação e uma tentativa de reorganizar o que foi vivido através da linguagem audiovisual.

A principal inspiração para a criação do documentário foi *Elena* (2012), dirigido por Petra Costa. A obra foi fundamental para compreender como a construção narrativa em primeira pessoa, o uso poético da imagem e a justaposição de tempos podem criar um campo sensível de elaboração da memória.

Dialogando diretamente com as reflexões de Harris (2018) acerca da obra de Costa, *Acordeon* se posiciona dentro de um campo híbrido, onde o real é atravessado pela performance, pela montagem e pela expressão estética. Trabalhar com um documentário de viés experimental significou aceitar a fluidez desde o início da produção e percorrer os caminhos sinuosos entre factual e poético e o documento e a memória.

A montagem se revelou etapa decisiva, não apenas como organização técnica, mas como construção de sentido. Assim como aponta Didi-Huberman (2003), a imagem não fala sozinha: ela precisa ser colocada em relação com outros elementos para que suas lacunas se tornem significantes. Assim, no produto final, as imagens de arquivo, vídeos caseiros, performances e depoimentos combinam-se a fim de provocar encontros entre tempos e pontos de vista.

Mesmo com limites técnicos e éticos, *Acordeon* cumpriu seu propósito de experimentar o documentário como um espaço vivo de expressão. O fazer artístico, longe de ser um adorno ou ilustração, foi entendido como linguagem central, de elaboração e resistência de uma narrativa pessoal invisibilizada pelo mercado capitalista midiático.

Encerrar esse processo é aceitar que ele não se fecha. *Acordeon* me revelou não apenas a força da memória, mas a potência de abordá-la pelo afeto, pela estética e através do risco da invenção. O documentário se tornou, assim, uma nova referência de como retratar histórias que merecem ser contadas com delicadeza, presença e liberdade criativa.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, D.; MARAFON, L. “Deixei de sentir medo ao começar a te buscar”: a memória e a poesia no documentário *Elena*. **Vozes & Diálogo**, Itajaí, v. 1, 2020.

CARR, E. H. **Que é História?** Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge. Tradução de Lúcia Maurício de Alverga; revisão técnica Maria Yedda Linhares. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FILHO, O.; MORAIS, I. A encenação na fotografia: montando cenas e contando histórias. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 25, 2016, Goiânia. **Anais [...]**. São Paulo: Compós, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2016/trabalhos/a-encenacao-na->

[fotografia-montando-cenas-e-contando-historias](#). Acesso em abril de 2025.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARRIS, H. A. **Elementos constitutivos do documentário Elena, de Petra Costa**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

LINS, C.; REZENDE, L. A.; FRANÇA, A. A noção de documento e a apropriação de imagens de arquivo no documentário ensaístico contemporâneo. **Galáxia**, São Paulo, n. 21, p. 54-67, 2011.

MACHADO, A. **A arte do vídeo**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

MACHADO, A. Pioneiros do vídeo e do cinema experimental na América Latina. **Significação: revista de cultura audiovisual**, v. 37, n. 33, p. 21-40, 2010.

MACHADO, E.; PALACIOS, M. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

MATOS, I.; GUSMÃO, M. C. Memória, afeto e criação no documentário Elena, de Petra Costa. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 17., 2021, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult/wp-content/uploads/2021/10/V2-ANAIS-XVII-ENECULT.pdf>. Acesso em abril de 2025.

NASSAR, P. **Relações Públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações**. 2ª ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RIBEIRO, R. A. S. Corpo, videoarte e o papel das linguagens midiáticas na construção de sentido e visibilidade das artes visuais. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 8, n. 3, p. 87–107, set./dez. 2013.

RIBEIRO, R. A. S. O corpo no vídeo e o corpo do vídeo: diálogos estéticos, arte eletrônica. **Revista Poiésis**, Niterói, v. 1, p. 105-114, jul. 2014.

WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. (Coords). **História Falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: Museu da Pessoa / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

APÊNDICES

Apêndice A - Escopo do roteiro

CATALOGAÇÃO DE CONTEÚDO					
VÍDEOS	STATUS	IMAGENS	STATUS	ÁUDIOS	STATUS
Entrevista Enide	OKAY	Foto da notinha fiscal do acordeon	OKAY	Conversa Enide e Amariles	OKAY
Enide mostrando fotos	OKAY			Entrevista Enide	OKAY
Enide ensaiando quarto Ana Clara	OKAY			V.Os Ana Carolina	OKAY
Enide tocando acordeon	OKAY			V.Os Enide	OKAY
Cena abraço	OKAY			V.O VENTO	OKAY
Cena casarão	OKAY				
Imagens de Socorro	OKAY				
Imagens de escritas de Enide	OKAY				
Imagens da casa/de Enide na casa	OKAY				
Cenas dos animais, vida atual	OKAY				
Ana Carolina sozinha nas locações	OKAY				
Zoom rugas de Enide	OKAY				
Enide sozinha nas locações	OKAY				
Inserts das locações	OKAY				

Vídeos de Ana Carolina (procurar antigos)	PENDENTE				
Coqueiro no vento	OKAY				
Vento	OKAY				
Ana Carolina no Horto	PENDENTE				

ORGANIZAÇÃO DE GRAVAÇÕES

DIÁRIA 1 (02/05)

CENA	LOCAÇÃO	CÂMERA	STATUS		
Enide tocando Prece ao vento	Centro cultural	Ana Carolina	OKAY		
Enide tocando música Pedro			OKAY		
Enide tocando música Diva			OKAY		
Plano sequência entrada/Enide tocando La cumparsita			OKAY		
Take Ana Carolina sozinha			OKAY		
Take Enide sozinha			OKAY		
Inserts			OKAY		
Making off/fotos			OKAY		

DIÁRIA 2 (03/05)

CENA	LOCAÇÃO	CÂMERA	STATUS		
Cena casarão	Praça	Pedrinho	OKAY		

Imagens da cidade/manhã	Cidade geral	Ana Carolina	OKAY		
Imagens da cidade/noite	Cidade geral	Ana Carolina	OKAY		
COQUEIRO	Cidade geral	Ana Carolina	OKAY		
Making off/fotos			OKAY		

DIÁRIA 3 (04/05)

CENA	LOCAÇÃO	CÂMERA	STATUS		
Imagem nota fiscal		Ana Carolina	OKAY		
Imagens vida atual	Casa	Ana Carolina	OKAY		
Rugas	Casa	Ana Carolina	OKAY		
Ana Carolina no Horto	Horto	Ana Carolina	OKAY		
V.O VENTO	Casa/carr o	-	OKAY		
V.Os	Casa/carr o	-	OKAY		

DIÁRIA 4 (11/05)

CENA	LOCAÇÃO	CÂMERA	STATUS		
Plano sequência abraço	Pico da Cascavel	Pedrinho	PENDENTE		
Ana Carolina sozinha		Pedrinho	OKAY		
Take Enide sozinha			PENDENTE		
Imagens extras/inserts		Pedrinho e Ana Carolina	OKAY		
Making off/fotos		Ana Carolina	OKAY		

Apêndice B - Roteiro pós gravações

ACORDEON

por Ana Carolina Conti Cenciani

Primeiro tratamento

BLOCO 1: PEDRO

EXT. PRAÇAS DE SOCORRO - DIA

Inserts de coqueiros balançando com o vento e outras imagens das praças da cidade de Socorro.

CRÉDITOS INICIAIS

INTRODUÇÃO DO BLOCO: PEDRO

Imagens da casa e de Enide na casa introduzem a entrevista

INT. CASA DE ENIDE - DIA

Entrevista.

CAROL

Quando você começou a tocar acordeon?

ENIDE

(Inserir resposta)

INT. CASA DE ENIDE - DIA

Entrevista.

CAROL

E no mundo da música? Qual foi a época que você mais se envolveu?

ENIDE

(Inserir resposta)

INT. CASA DE ENIDE - DIA

Entrevista.

CAROL

Qual era sua relação com os instrumentos musicais?

ENIDE

(Inserir resposta)

Take em perspectiva casarão na esquina de baixo da praça
com BG da música preferida de Pedro, pai de Enide.

O take se mistura com imagens em preto e branco, ideia de
nostalgia, imagem arrastada, cidade noturna
Inspiração: Explodir e Doce Futuro

BLOCO 2: DIVA

INTRODUÇÃO DE BLOCO: DIVA

Montagem de imagens do acordeon com outros arquivos ao som de Love

Me Tender - Elvis Presley.

INT. CASA DE ENIDE - DIA

Entrevista.

CAROL

E qual era a sua maior fonte de inspiração?

ENIDE

(Inserir resposta)

INT. CASA DE ENIDE - DIA

Entrevista.

CAROL

Sua família influenciou na sua vida com a música?

Inserir relato do dia da compra do Acordeon

ENIDE

(Inserir resposta)

V.O CAROL

Por que você se recusa ao esquecimento?

Por que você prefere

lamentar o que perdeu,

encontrar o que você queria,

chamar o que morreu?

Vives desnecessariamente triste

e eu sei que nunca mereceu

Trabalho de montagem brinca com sobreposição e mistura todos os inserts possíveis. BG sendo a música preferida de Diva.
 Inspiração: Lisboa

BLOCO 3: O VENTO

INTRODUÇÃO DO BLOCO: VENTO

Pergunta das filhas e netas

ENIDE

(Inserir resposta)

Montagem dos elementos existentes nas cartas da brincadeira em
 imagens reais, ideia de movimento.

V.O Carol com BG de Vento no Acordeon

Minha vó sempre me disse que o pai dela ia amar me conhecer.

E ela fala com uma certeza serena, como se o tempo não fosse
 obstáculo para esse encontro de almas.

Mal sabe ela que, pra mim, já é milagre suficiente poder conhecê-
 la.

Ela carrega em si uma história que o tempo moldou com doçura e
 firmeza.

Por muitos anos, o mundo ao redor a quis dentro de moldes bem
 definidos:

ser esposa, ser mulher de casa, ser professora – e ela foi.

Com dignidade, com graça, com aquele tipo de silêncio que fala
alto.

Mas, pra mim, ela sempre foi mais.

Sua existência inteira é música – talvez ela mesma nunca tenha
notado.

Sua presença tem a cadência suave das canções que embalam a minha
infância.

Seu jeito de pentear o cabelo, de arrumar a mesa, de contar causos
e histórias
tem ritmo, tem harmonia, tem uma nota que ecoa no ar muito depois
que ela para de falar.

Sei que o mundo talvez nunca a tenha ouvido como merecia.

Mas eu ouço.

Vó, me vejo tanto em suas palavras que começo a me perder em você.

E, pra mim, você é uma nota infinita –
dessas que nunca desafinam, e permanecem vibrando
mesmo depois do fim da melodia.

V.O. CAROL E ENIDE (CANTANDO)

Vento que balança as palhas do coqueiro

Vento que encrespa as ondas do mar

Vento que assanha os cabelos da morena

Me traz notícia de lá...

Inspiração: Te amar é massa demais

Locação: Pedra ou pico da cascavel

Plano sequência de um abraço entre eu e a vovó, movimento circular

BLOCO 4: LA CUMPARSITA

CAROL

Qual sua música preferida?

ENIDE

(Inserir resposta)

CAROL

Recado para futuro bisneto

ENIDE

(Inserir resposta)

MONTAGEM "PELE" - RUGAS, PELE, TAKES DA LOCAÇÃO DO TEATRO E PLANO

SEQUÊNCIA DE ENIDE PREPARANDO ACORDEON

V.O. ENIDE

Minha mãe sempre me contava que, quando eu era bebê, meu pai
tocava flauta para eu dormir.

Cresci ao som da música, pois em minha família havia vários
músicos amadores. Minha mãe tocava piano, meu pai tocava flauta e
cavaquinho, dois dos meus tios tocavam acordeon e um deles era
cantor.

Meu tio Alberto, mais conhecido como Tata, morava perto da minha casa e eu ouvia quando ele estava tocando. Ia correndo para lá e ficava fascinada olhando o seu dedilhado nas teclas e quando ele sacudia o fole do acordeon.

Bem perto dali, em uma simples garagem, um marceneiro trabalhava durante o dia, mas à noite, naquele mesmo espaço, alguns músicos se reuniam: o marceneiro, que tocava violão era o seu "Ditinho do Mestre", apelido que recebeu porque era filho do maestro da banda, o sr. José Pedro, que viveu até cem anos.

Havia também o Joaquim, que todos chamavam de "Minhoca", que tocava bandolim e o "Lino Frô", cantor. A respeito desses dois apelidos nunca descobri o motivo.

Depois do jantar, meu pai me falava: - Hoje vamos à boate!

Naquela época eu não sabia o significado da palavra boate. Para mim era aquele pequeno espaço cheio de alegria, onde meu pai tocava cavaquinho.

Um dia os amigos do seu "Ditinho do Mestre" resolveram comemorar o aniversário dele em um espaço maior, com palco e tudo.

Meu nome estava incluído para tocar uma música, mas, quando me chamaram, não tive coragem de tocar para toda aquela gente. Meu pai quase morreu de desgosto.

Então percebi que tinha que enfrentar aquela timidez. Comecei a tocar no aniversário de minhas primas, nas festas juninas da vizinhança, nas homenagens que fazíamos para os professores da escola.

Durante à noite eu sonhava com as melodias diferentes com suas notas musicais. Quando me levantava, pegava meu instrumento e colocava meus sonhos em prática. Descobri que estava compondo.

Quando estava feliz, tocava músicas animadas, quando triste, músicas melancólicas e às vezes até chorava.

Meus vizinhos gostavam de me ouvir tocar, até que um dia meu marido disse que aquilo era serviço de quem não tinha o que fazer. Meu mundo desmoronou, mas mesmo assim eu continuava com as minhas músicas quando ele não estava em casa.

Depois de alguns anos, nasceram minhas filhas e meu tempo foi ficando curto. Na época, elas passaram a ser minha nova paixão.

Até que chegou a minha aposentadoria. Chegaram também minhas netas e o meu acordeon ficou de férias. Está guardado na caixa, num cantinho do meu quarto, aquele mesmo instrumento que minha mãe comprou com o dinheiro da herança.

Mas a música continua no meu cérebro. Às vezes, de madrugada, eu penso nas músicas que mais tocava, principalmente naquela que mais gostava: La Cumparsita.

Deitada em minha cama, abraçadinha com a felicidade, fico pensando nas notas que compõem as canções e ouço as melodias em meu cérebro. É maravilhoso.

Parece que "meu cérebro toca música!"

ENIDE COMEÇA A TOCAR A MÚSICA LA CUMPARSITA

Gravação acordeon:

Locação: Centro cultural

Plano sequencial de toda a preparação do acordeon, da cadeira, passos e músicas em movimentos circulares, parada de frente, parada de costas...